

NARRATIVAS SOBRE RAÇA E O PAPEL DO DISCURSO NA CONSTRUÇÃO DE IDENTIDADES NEGRAS

Natália Barreto Felix da Silva¹

Resumo: O presente artigo é decorrente da reflexão e estruturação de minha tese, que busca pensar a construção de identidades negras solidificadas a partir de um contexto embranquecido como o da universidade, especificamente a Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio). Através do escopo teórico da análise de narrativas (Bastos; Biar, 2015) em diálogo com os dados trazidos, apresentaremos uma breve reflexão sobre o papel do coletivo Nuvem Negra (formado por alunos da universidade) na construção identitária de seus participantes. Além disso, o artigo se propõe a pensar sobre as tensões discursivas ocasionadas em virtude do contexto macrossocial estabelecido e das desigualdades raciais estruturalmente impostas.

Palavras-chave: Identidade. Raça. Narrativa.

NARRATIVES ON RACE AND THE ROLE OF DISCOURSE IN THE CONSTRUCTION OF BLACK IDENTITIES

Abstract: This article stems from the reflection and structuring of my thesis, which seeks to analyze the construction of Black identities solidified within a whitened context such as that of the university, specifically the Pontifical Catholic University of Rio de Janeiro (PUC-Rio). Through the theoretical framework of narrative analysis (Bastos; Biar, 2015) in dialogue with the data presented, we will reflect on the role of the *Nuvem Negra* collective (formed by university students) in shaping the identities of its participants. Furthermore, the article aims to examine the discursive tensions that arise due to the established macro-social context and the structurally imposed racial inequalities.

Keywords: Identity. Race. Narrative.

¹ Doutoranda em Estudos da Linguagem pela PUC- Rio, Mestre em Relações Étnico-raciais pelo CEFET-RJ (2021), com ênfase em Linguagem, Identidade, Raça e Letramentos. Inclinação para as seguintes temáticas: raça, classe, sociolinguística interacional, análise do discurso, estudos sobre letramentos e educação.

Introdução

Sabendo que narrativas atuam como formas de organização humana através das quais os sujeitos constroem sentido sobre si e seus pares (Biar, Bastos; 2015), nas narrativas elaboradas a partir do encontro com o coletivo Nuvem Negra, interessa-nos pensar as relações estabelecidas entre os membros do coletivo e os demais estudantes da PUC-Rio. O Coletivo Nuvem Negra², formado por estudantes e ex-estudantes da instituição, atua como movimento social que possibilita a agentividade de seus atores, além de dar destaque para as demandas e urgências referentes à destoaante desigualdade exposta no cenário social e racial da universidade supracitada, um local, tipicamente, frequentado pela elite carioca e de outros estados.

Ancorando-me na percepção de narrativa não enquanto representação fidedigna de um ato passado, mas como construção contextual e circunstancial acerca daquilo que somos, imaginamos ser ou gostaríamos de ser (Bastos, 2005), o intuito deste trabalho é refletir sobre as escolhas e os caminhos de elaboração de narrativas canônicas do coletivo negro a respeito do que é a negritude e, sobretudo, do que significa ser negro no contexto da PUC-Rio, para compreendermos de que maneira as identidades desses participantes estão sendo configuradas por eles e por seus pares. Este tema é o foco da minha pesquisa de doutorado³ e parte do meu incômodo como mulher negra em perceber a drástica diminuição do quantitativo de pessoas negras no ambiente acadêmico a medida em que fui expandindo minha atuação nesses cenários.

Advinda de um contexto escolar bastante embranquecido, por se tratar de uma escola particular residida num bairro nobre da cidade do Rio de Janeiro, desde cedo pude perceber e já demonstrar certa insatisfação com a desigualdade escancarada no que diz respeito ao fator racial nos ambientes de ensino que frequentei. Mais tarde, na graduação e hoje, tendo a oportunidade de cursar um doutorado num ambiente tão racialmente

² O coletivo Nuvem Negra, formado por estudantes negros da PUC-Rio em 2015 surge da necessidade de troca e compartilhamento das vivências desses estudantes no espaço universitário. O coletivo atua não só como agência de letramento racial crítico (DE JESUS FERREIRA, 2014) para seus participantes, mas também como movimento político e de articulação efetiva contra a manutenção do racismo estrutural presente na universidade.

³ A pesquisa está em andamento no Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem da PUC-Rio.

desigual como a PUC-Rio⁴, decidi me dedicar a entender de que maneira meus pares se veem e se constroem discursivamente nessa relação de disparidade racial.

Acredito, assim, que o coletivo funcione como uma agência de aquilombamento e manifestação da pluralidade negra, na medida em que possibilita o ajuntamento desses estudantes e a troca de experiências entre eles, além da ressignificação territorial do espaço da PUC-Rio. Isso porque as próprias reuniões organizadas naquele ambiente apontam para uma nova possibilidade de ser e pertencer à universidade.

Assim, me debruço sobre a narrativa de Gael, um ex-participante do coletivo Nuvem Negra nos anos de 2015 a 2017. Este artigo pretende analisar esta narrativa, entendendo a importância dada à questão racial, social e territorial ao longo de seu discurso. Dessa maneira, traçarei uma interlocução entre autores tais como Nilma Lino Gomes (2005), Silvio Almeida (2018), Glenda (2022), dentre outros para compreendermos de que maneira o entrevistado realiza sua existência e a de seus iguais num ambiente embranquecido como o da PUC-Rio.

Interessa, ainda neste artigo, pensar na construção da identidade negra marcada e ratificada, seja ela individual e/ou coletiva por meio do discurso. Vale ressaltar que essa afirmação identitária corrobora também para a demarcação daquilo que esses sujeitos não são ou aquilo que eles não pertencem enquanto categoria. Como ressalta Gomes (2005): “Reconhecer-se numa identidade supõe, portanto, responder afirmativamente a uma interpelação e estabelecer um sentido de pertencimento a um grupo social de referência.” (p. 42). Entendo, assim, que a associação e o vínculo criados a partir de um grupo cooperam para a construção identitária, que se manifesta e se concretiza de várias maneiras, inclusive, por meio do discurso, foco deste trabalho.

1. A função performativa e emancipatória da linguagem na construção de múltiplas identidades negras

Apesar da compreensão acerca da pluralidade das identidades e manifestações identitárias no interior da comunidade negra, podemos dizer que o Movimento Negro se

⁴No ano de 2016, de um total de 1.985 professores, apenas 86 se autodeclaravam negros (Soares, 2023). Atualmente a instituição conta com 46% de Bolsistas, mas não há dados atualizados sobre a autodeclaração deles. Isso denota não somente a necessidade de um diagnóstico da instituição, como também o seu branqueamento.

reúne ao redor da troca de experiências e vivências imputadas pelo racismo e pelas particularidades do ser negro. É claro que, como já dissemos anteriormente, a maneira como essas experiências ocorrem e são vivenciadas é singular e única. No entanto, ao nos debruçarmos sobre as narrativas dos integrantes do grupo mencionado, vemos que a solidificação do grupo se dá, antes de tudo pelo comum sentimento de identificação, de pertencimento.

O olhar analítico desta pesquisa parte da Linguística Aplicada (Moita Lopes, 2006), com o objetivo de dar luz às negras narrativas, de buscar entender de que maneira os significados são construídos e costurados, apresentando modelos positivados acerca do que é ser negro. Glenda Melo (2022) salienta que:

A iterabilidade é central no uso da linguagem, porque se refere a outros atos de fala enunciados outrora. Contudo, não podemos compreender que ao repetir, repetimos o mesmo; na verdade, a iterabilidade não é apenas uma cópia, ela é também a possibilidade do novo e do criativo que pode romper com a ideia de ‘substâncias de verdade’. Ou seja, considerando a prerrogativa da felicidade austiniana, quando enunciamos atos de fala infelizes que não repetem a ideia de ‘substâncias de verdade’ ou atos de fala realizados outrora, produzimos ‘algo diferente’. Temos, então, uma das faces da performatividade, ou seja, a possibilidade de ruptura e de transformação da linguagem. (Melo, 2022, págs. 79 e 80)

Entendo, portanto, que a iterabilidade narrativa é capaz de modificar ou redefinir sólidos conceitos e impressões acerca da experiência de ser negro. Nesse sentido, acredito na possibilidade de novas narrativas forjadas a partir da repetição e da construção de outros horizontes e práticas sociodiscursivas, já que aqui tomamos a narrativa como sendo mais do que a segmentação ou concatenação de palavras, mas como prática propulsora de realidades efetivas, ou seja, de eventos que influenciam nossos fazeres cotidianos.

Sendo a raça uma construção discursiva, um significante deslizante (Hall, 2015), entendemos que a repetição positivada da experiência de ser negro, do ponto de vista cultural e imagético, seja ratificada na propagação de narrativas que consolidem a valorização do que pode significar ser negro. Acreditamos que a reiteração de experiências positivas corrobore para a entextualização de novas narrativas, já que temos aqui a linguagem como instrumento de transformação social, que serve para “desestabilizar sentidos cristalizados na sociedade também sobre raça.” (Melo, Moita Lopes, 2013, p. 243).

A função emancipatória da linguagem, sublinhada no título desta seção se dá pela capacidade narrativa de redefinição ou reestruturação de práticas e contextos sociais por meio do que é enunciado. No contexto brasileiro, a vasta divulgação da ideologia da democracia racial, que sabemos ser inexistente em nossa realidade, serviu para que o contexto desigual de nosso país fosse em muito encoberto graças à crença na lógica de que viveríamos todos em plena igualdade de oportunidades. Nesse sentido, os atos de fala serviram para perpetuar a falácia de que o racismo no Brasil era inexistente, o que em nada contribuía para seu extermínio ou diminuição. Além disso, essa configuração social e discursiva ratificava – e segue tentando ratificar – o lugar da branquidade como alheio ao processo de desconstrução e combate ao racismo. Alicerçada como raça não-marcada, a raça branca foi eximida de sua responsabilidade no debate racial (Schucman, 2012). Como salienta Schucman em sua tese acerca do papel da branquidade no cenário racial brasileiro (paulistano, especificamente):

O fato de os estudos sobre branquitude se formarem como um campo de estudo transnacional e de intercâmbio entre ex-colônias e colonizadores, corresponde à cadeia de fatos históricos que tem começa com o projeto moderno de colonização, que desencadeou a escravidão, o tráfico de africanos para o Novo Mundo, a colonização, as formações e construção de novas nações e nacionalidades em toda a América e colonização da África. Portanto, é nestes processos históricos que a branquitude começa a ser construída como um constructo ideológico de poder, em que os brancos tomam sua identidade racial como norma e padrão, e dessa forma outros grupos aparecem ora como margem, ora como desviantes, ora como inferiores. Neste sentido, é importante pensar que as culturas nacionais e as identidades brancas e não brancas têm sido historicamente criadas, recriadas, significadas e redefinidas através das trocas circulares de símbolos, ideias e populações entre a África, a Europa e as Américas, e assim este campo de estudo também aparece como trocas de pesquisas e ideias entre estes continentes. (Schucman, 2012, p.17)

A marca estrutural e estruturante do racismo (Almeida, 2018) no cenário brasileiro, foco da próxima seção, impossibilitou a vivência e a propagação de narrativas contadas por negros e negras que se afastassem da temática racial como marcada pela dor, pelo sofrimento e pelas consequências de um país tão violentamente marcado pelo racismo. No entanto, há narrativas para além da dor, há – e na análise do discurso de Gael veremos isso – celebração pela diversidade, potência e pluralidade negras. Acredito, portanto, no poder emancipatório da linguagem já que esta, por meio da iterabilidade, é

capaz de mudar a tônica narrativa ou de nos apresentar mais de uma faceta discursiva. Por meio deste trabalho quero enfatizar isso. Como abordam Melo e Moita Lopes (2013):

Considerando o contexto brasileiro, em que a construção discursiva de raça está permeada pelos atos de fala performativos de democracia racial e miscigenação, desconstruir os discursos de inferioridade da mulher negra passaria por contestar os efeitos desses atos de fala. Seria também, mesmo com a dificuldade e complexidade indicada por Henrique (2007) ao falar de questões raciais neste país, analisar as diversas denominações para a cor da pele tais como: morenas, mulatas, ‘marrom bombom’, ‘chocolate’, café com leite, dentre outras. (Melo, Moita Lopes, 2013, p.245)

No trecho citado, os autores abordam a questão racial sob a égide da mulher negra, mas acredito que a mesma provocação possa ser feita sobre a comunidade negra como um todo. As próprias nomenclaturas demarcadas pelos autores (“morena”, “mulatas”, “marrom bombom”, “chocolate”, “café com leite”) tão popularmente utilizadas, reforçam uma tentativa de amenização, atenuação da cor da pele. Ainda sob a perspectiva da linguagem e seu papel emancipatório, vemos que a escolha de pessoas negras de se afirmarem cada vez mais e de maneira cada vez mais enfática sobre suas cores, sobre fazerem parte de uma comunidade negra sem que isso precise ser atenuado ou utilizado de maneira eufemística, aponta para um importante passo demarcado por meio do discurso, na reafirmação e na positivação do que é ser negro. A reafirmação e a declaração com orgulho da cor de sua pele também são manifestos por meio da palavra, que acaba por ser um elemento canalizador da valorização do Movimento Negro.

Sabendo que a palavra foi tantas vezes utilizada para amenizar ou suavizar a experiência negra, construída socialmente como inferiorizada, a potência e reafirmação de palavras que ao contrário de suavizar, evidenciam a grandeza da negritude é algo a ser acentuado e comemorado como avanço do Movimento Negro na luta pela igualdade.

2. O racismo estrutural e a disputa de poder no surgimento de contranarrativas: a necessidade de novas epistemologias e metodologias de pesquisa

Tendo em vista que o racismo estrutural está intimamente ligado ao poder e à manutenção do poder por parte da branquidade, a viabilização de novas epistemologias que passem a relacionar a negritude a espaços de poder, de ascensão e de representação é um fator que coopera para a reorganização e reestruturação da ordem social. Entendendo,

assim, que as contranarrativas são decorrentes de um cenário histórico de apagamento racial, é preciso reconhecer que não há neutralidade na apresentação dos discursos vigentes. Portanto, a exibição de histórias que provoquem o *status quo* no sentido de movimentar as rígidas estruturas de poder é fundamental para que a pluralidade discursiva se alinhe às práticas sociais.

De acordo com Almeida (2018, p.51), “a ideologia não é uma representação da realidade material, das relações concretas, mas a representação da relação que temos com essas relações concretas.” A partir dessa definição, podemos entender o campo de análise do discurso e da análise de narrativas, mais especificamente, como um campo em disputa. Como linguagem é poder e as construções linguísticas corroboram para reafirmação ou reflexão e mudança da realidade consolidada, acreditamos que as narrativas decorrentes das tensões raciais e sociais estabelecidas no contexto acadêmico contribuam para a modificação de nossas práticas tanto individuais quanto coletivas.

A instauração de uma ideologia dominante que reforça o predomínio dos brancos sobre negros não foi tecida tão somente pelo campo discursivo, mas frisado nos meios de comunicação, na ocupação de cargos de poder e na representação daqueles e daquelas que são colocados em lugares de destaque e prestígio - corpos brancos. Todas essas questões aqui abordadas são rigorosamente engendradas e apresentadas a nós enquanto sociedade como categorias estanques, imutáveis. Nesse sentido, a importância de atos de fala performativos (Melo, 2022) no que diz respeito à mudança de conjuntura social, política, econômica e racial é a apresentação da possibilidade de transformação desse cenário que sempre nos pareceu tão sólido e intransponível.

Segundo Fanon (2008, p. 33): “Falar é estar em condições de empregar uma certa sintaxe, possuir a morfologia de tal ou qual língua, mas é sobretudo assumir uma cultura, suportar o peso de uma civilização.” Sendo assim, o posicionamento negro em favor de sua cultura e da posituação de sua existência por meio da linguagem é a viabilização de sua humanidade. Mais do que isso, essa demarcação discursiva possibilita a abertura de uma narrativa contra-hegemônica, de reexistência (Souza, 2011).

Para tanto, ratifico a necessidade de uma construção metodológica que priorize as narrativas periféricas, entendendo-as como estratégias decoloniais que se apresentem como caminhos, horizontes de um outro fazer analítico. Desse modo, acredito em uma

perspectiva que não só tenha as questões raciais como categoria discursiva, mas que intercale os estudos raciais com a área de Estudos da Linguagem.

3. Metodologia

A entrevista tem como base o modelo qualitativo e foi desenvolvida a partir de algumas perguntas realizadas pela autora principal desse artigo aos participantes acerca de suas trajetórias na universidade, bem como sobre os sentimentos que afloravam através das trocas com os demais estudantes, tanto negros quanto brancos. Por meio de cada uma das perguntas, o intuito foi o de disparar um tema mais amplo que os levassem a falar de suas vidas a partir de uma perspectiva mais genérica, até que chegassem à experiência específica da universidade.

Ancoradas na compreensão dos participantes acerca de si mesmos e da maneira como se constroem em seus contextos sociais, as perguntas de pesquisa ainda visavam conceber a forma como a territorialidade puquiana servia ou serve de combustível para a materialização dessas identidades. Assim, através do exercício de estranhar o familiar (James Clifford e George Marcus, 2016), propomos perguntas aos participantes que os levassem a refletir e a produzir sentido sobre os desconfortos raciais e sociais vivenciados naquele cenário.

4. Análise de dados

Os dados analisados a seguir surgem de uma entrevista que fiz com Gael, com a finalidade de contribuir para o desenvolvimento de minha tese. Gael, hoje formado em Cinema pela PUC-Rio, foi membro do coletivo Nuvem Negra, no qual atuou desde o início da formação do grupo. Sendo assim, suas contribuições não só agregam no que diz respeito à sua trajetória individual, mas também apontam para a construção coletiva do grupo e para a importância deste para o entendimento territorial da PUC-Rio. A estruturação das perguntas da entrevista foi pensada de maneira a trazer à tona o ciclo acadêmico do participante, sua experiência enquanto aluno negro e sua relação com o contexto territorial abarcado. Dessa maneira, fiz perguntas mais amplas, que propiciassem a fala extensiva do aluno e possibilitassem diversos desencadeamentos acerca de sua vivência e a dos demais integrantes da instituição.

A entrevista de Gael, composta por traços narrativamente considerados labovianos⁵ (Labov, 1972), nos chama a atenção por sua apresentação em dois níveis ou dois momentos narrativos: o primeiro momento de Gael, que é marcado pela ausência do coletivo negro e seu período de adaptação à instituição; e o segundo momento, marcado por seu encontro com o coletivo. Neste artigo, me detenho a analisar apenas os trechos referentes ao primeiro momento narrado pelo participante. A análise trata de três fragmentos, que de maneira concisa e coesa, marcam as fases da narrativa do entrevistado e tem por base a estrutura laboviana.

Antes de nos debruçarmos efetivamente na análise, cabe uma breve apresentação sobre a maneira como Labov (1972) pensou as estruturas narrativas. Para ele, a função da narrativa é a de rememorar ou recontar as experiências passadas tal qual ocorreram. Essa contação, segundo Labov, seguiria uma sequência organizacional denominada narrativa laboviana canônica. Esta se dividiria nos seguintes tópicos: Sumário (uma breve apresentação da história); Orientação (exposição do lugar, do contexto e da temporalidade da narrativa); Ação complicadora (o ato narrado em si, a ação da narrativa); Resolução (o desfecho da narrativa); Coda (comentários finais sobre a narrativa).

Esse modelo foi utilizado como base de nossa análise por entendermos que ele nos ajuda a balizar a sequência narrativa de maneira a compreender mais amplamente de que forma Gael se constrói enquanto negro na universidade e, mais do que isso, quais são os fatores ou ocorrências que corroboram para essa construção identitária. Além disso, usamos a noção de reportabilidade, também tecida por Labov para evidenciar o quanto relevante se torna determinada esfera da narrativa para seu locutor.

No primeiro fragmento destacado para análise, Gael apresenta sua experiência como aluno da PUC-Rio, sob a perspectiva da territorialidade envolvida no espaço geográfico em que se encontra a instituição. Nosso critério avaliativo se debruçará na estrutura canônica laboviana, buscando entender o que Gael torna relevante em sua fala

⁵ Os estudos da narrativa descendem dos estudos de Labov, para quem, a narrativa é um método de recapitulação da experiência passada, que precisa de uma sequência verbal de ações que ordena temporalmente eventos que (infere-se) aconteceram. Por meio das análises de suas entrevistas de pesquisa, ele desenvolveu um modelo canônico de narrativa, que conta com uma estrutura para a identificação das narrativas nas falas dos participantes. Apesar de inovador na década de 1970, seus estudos têm sido revisados por linguistas que criticam a importância do contexto social e da centralidade atribuída como se a narrativa fosse um texto autônomo, organizado em uma sequência de unidades sintáticas que recapitulam o que aconteceu.

e quais são as demarcações feitas por ele na apresentação do espaço e dos demais participantes das cenas relatadas.

Excerto 1 – “A cidade do Rio...ela tem barreiras, né?”

01	Gael	Rodando...
02	Natália	Rodando...ó, um cineasta! Amigo, é...como você relata, relataria a sua
03		experiência enquanto negro na graduação? Assim, é...e aí tanto na
04		perspectiva, assim, do cinema, quanto geral,né?
05	Gael	Uhum...cara, é muito doido...é...pensar nisso, né? Porque certamente
06		ela é dividida em dois momentos: a minha entrada na graduação e...o
07		meu encontro com o coletivo Nuvem Negra. É...eu tô...enquanto cê
08		tava falando, né...eu pensei, antes de iniciar a gravação, que quando
09		eu fui fazer minha inscrição, nas etapas lá da entrada na PUC ou talvez
10		o...o primeiro...não se se foi o primeiro dia, não sei o que é que foi,
11		mas o meu pai foi comigo. E eu não tinha ido na PUC, né? Eu não
12		sabia onde a PUC era, essa coisa, essa coisa da cidade é muito doida,
13		né? A cidade do Rio...ela tem barreiras, né?
14	Natália	Sim...total.
15	Gael	...invisíveis. Chega um momento em que você percebe isso, até hoje
		ela tem, né?
16	Natália	Sim
17	Gael	Pra mim.
18	Natália	Sim, sim.
19	Gael	É...e aí eu fui na PUC, né? Eu já tinha ido à Gávea, mas sei lá...PUC
20		é na Gávea? Onde é que a Gávea é? Gávea é perto do Jardim
21		Botânico, né? Minha família ...é...é muito próxima do Jardim
22		Botânico. Minha avó era empregada numa casa no Jardim Botânico,
23		então era próximo ali. Enfim...então eu cheguei lá naquele ambiente,
24		fiz a minha matrícula lá, tal...já sabia o caminho, já sei como chegar.
25		Chego na PUC, primeiro dia de PUC, né? É...você repara que você é
26		diferente da <u>maioria</u> das pessoas, então o primeiro momento é: olha,
27		tem poucas pessoas parecidas comigo aqui. E que no primeiro
28		momento, pra mim, não é algo diferente do que eu já vinha passando
29		ao longo da minha vida, porque eu sempre estudei em colégio
30		particular, então eu sempre fui o único negro na...em todas as turmas
31		que eu...que eu estudei, né? Do ensino primário até o ensino...médio,
32		basicamente. No ensino médio, a coisa mudou um pouquinho de
33		figura, mas isso é outra história.
34		[...]
35		Chego na PUC, e...é isso, é...é... é muito chocante quando você não tá
36		acostumado a andar na Zona Sul e, assim, andar na Zona...andar <u>POR</u>
37		<u>SI</u> na Zona Sul, né? Que eu tava ali na casa da minha avó, é...é muito,
38		é muito doido esse ambiente. E...é muito...é muito <u>desconfortável</u> .

39		Então, essa primeira experiência de ser um homem negro, é...na PUC,
40		é uma experiência desconfortável. Você tá lá, entrando na graduação,
41		você vê que as pessoas já se reconhecem, né? Porque as pessoas que
42		estavam ali naquele primeiro dia, como eu, naquela primeira semana,
43		eles já se conheciam de outras escolas e...e não sei o quê, etc e tal. E
44		aí eu dei muita sorte, cara, eu fico pensando nisso que eu dei sorte
45		porque eu entrei em comunicação com habilitação em cinema, mas o
46		primeiro período, quer dizer...até o quarto período, até o terceiro
47		período...os três primeiros períodos são é...são todas habilitações
48		juntas: jornalismo, publicidade e cinema. Então, eu entrei numa
49		turma, onde tinha muita gente Prounista, né? Bolsista...ou pessoas,
50		enfim...tinha muito bolsista. E que são meus amigos até hoje, né?
51		

O primeiro fragmento é iniciado com a exibição do Sumário, apresentado por Gael pela ótica de dois momentos - *“Porque certamente ela é dividida em dois momentos: a minha entrada na graduação e...o meu encontro com o coletivo Nuvem Negra”* (linhas 5 a 7). A divisão de sua narrativa em dois momentos distintos não apenas reforça a importância do coletivo Nuvem Negra para a formação individual do personagem, como também circunscreve e reforça sua narrativa a um alto grau de reportabilidade, que segunda Labov (1972) remete ao fato de a história ser contável, ela tem um porquê, neste caso, mostra que o encontro de Gael com o coletivo não foi apenas um encontro ocasional, mas foi um verdadeiro divisor de águas em sua vida, capaz, inclusive, de dividir sua narrativa em antes e depois de seu ingresso ao coletivo.

O excerto inicial também é marcado por elementos de orientação que enfatizam a disparidade social e racial observadas no cenário narrado - *“Eu não sabia onde a PUC era, essa coisa, essa coisa da cidade é muito doida, né? A cidade do Rio...ela tem barreiras, né?”* (linhas 11 a 13). Ao atentar para as incongruências manifestas nas barreiras invisíveis da cidade do Rio de Janeiro, Gael explicita sua dificuldade de acesso à cidade como um todo, mas à instituição, em particular. Além disso, o participante situa a universidade num enquadre social que não o pertence e não dialoga com sua realidade. Assim, antes mesmo de nos apresentar as tensões raciais vivenciadas por ele nesse espaço, Gael já ressalta a primeira barreira que seu corpo negro precisa ultrapassar - a barreira territorial.

Ainda sobre a questão territorial, cabe ressaltar o interessante paralelismo construído por Gael ao se orientar na Zona Sul. O entrevistado demarca que seu contato

com a região se deu por meio de sua avó, que era doméstica no Jardim Botânico – *“Minha avó era empregada numa casa no Jardim Botânico, então era próximo ali.”* (linhas 21 a 23). O contraste demarcado por Gael acerca de seu contato com a Zona Sul parece reforçar sua posição de desconforto e não-pertencimento ao contexto da PUC-Rio. Mais adiante, essa ideia é fortalecida em sua narrativa quando o entrevistado relata a experiência de *“andar por si na Zona Sul”* (linhas 36 e 37). A ideia de andar por si na Zona Sul, mais uma vez apresentada em oposição à vivência coletivizada experimentada por Gael na infância no Jardim Botânico, também reverbera o conceito de ancestralidade e coletividade, tão inerentes e expressivas à cultura negra. Além disso, aponta para a solidão do corpo negro num ambiente majoritariamente branco como a PUC- Rio. Gael, portanto, torna relevante o seu trajeto unitário para marcar sua diferenciação dos demais alunos, distanciado, inclusive, de seu núcleo familiar.

O entrevistado faz uso da narrativa em contexto micro (sua realidade na PUC – Rio), a partir da percepção do contexto macro (Zona Sul do RJ). O ambiente desconhecido e distante de sua realidade não está associado tão somente à Gávea ou à instituição PUC, mas a um distanciamento sentido e vivenciado na metrópole, por meio das barreiras sociais que o impediriam de ter acesso pleno à cidade. Gael sugere uma dicotomia em sua Orientação narrativa ao construir a Zona Sul do Rio de Janeiro a partir de duas óticas: o da PUC, na Gávea, que não era o seu lugar e o do Jardim Botânico, onde sua vó exercia a função de empregada doméstica.

O sentimento balizador, organizador da narrativa de Gael parece ser o desconforto. Ao se constituir discursivamente como alguém desconfortável, distanciado do ambiente da PUC-Rio, Gael reivindica seu lugar junto aos *pro-unistas* e bolsistas, alinhando-se a eles. Além disso, reforça a importância das ações afirmativas para a criação de um contexto mais plural e diverso na instituição.- *“E aí eu dei muita sorte, cara, eu fico pensando nisso que eu dei sorte porque eu entrei em comunicação com habilitação em cinema, mas o primeiro período, quer dizer...até o quarto período, até o terceiro período...os três primeiros períodos são é...são todas habilitações juntas: jornalismo, publicidade e cinema. Então, eu entrei numa turma, onde tinha muita gente Prounista, né? Bolsista...ou pessoas, enfim...tinha muito bolsista. E que são meus amigos até hoje, né?”*(linhas 44 a 51). Assim, a identidade de Gael parece ser negociada e

marcada a partir da oposição, no âmbito representacional do diverso, do múltiplo e da possibilidade de novas narrativas, semelhantes às dele no contexto *puquiano*.

Excerto 2 – “É outro tipo de desconforto, né?”

01	Gael	É...mas, assim, no primeiro momento eu tava ali tentando fazer
02		amizade com as pessoas, porque eu sou uma pessoa que fala
03		bastante, né?
04	Natália	Sim...super comunicativo.
05	Gael	Super comunicativo. Então eu consegui fazer amizade com os caras
06		lá, né? Os p...playboys que tavam ali, é...enfim...naquele ambiente
07		<u>muito</u> estranho. “E aí, beleza?” “Ah, não...beleza, não sei o quê”.
08		E...e até esse momento, eu tinha...eu tinha certeza do...de que eu era
09		negro, né? Isso...eu nunca tive dúvida. É...nunca questionei isso,
10		assim...mas aí até naqu...até o <u>segundo</u> momento, o início do
11		segundo momento, eu não tinha clareza, não tinha...uma
12		consciência do que significava ser negro, né? O que o corpo negro
13		representa naquele lugar. É...eu acho que...nesse primeiro momento
14		da PUC, eu tava...eu, eu me concentrava muito mais no meu
15		sentimento de desc....de estar desconfortável e tentar parecer ali,
16		mas eu não conseguia entender o sentimento que as outras pessoas
17		tinham com a <u>minha</u> presença naquele lugar.
18	Natália	Uhum.
19	Gael	É um desconforto que eles têm também, mas é outro tipo de desconforto, né?

O excerto 2 é marcado pelo alto grau avaliativo, que vai aparecer durante toda a fala de Gael, mas que nesse momento é bastante substancial. O entrevistado faz uma espécie de suspensão do fluxo narrativo (Bastos, Biar, 2015) para refletir sobre seu ponto. No caso de Gael, o ponto a ser refletido diz respeito ao que é ser negro para ele até então. Sobre isso, Nascimento (2019) salienta que:

É preciso entender, portanto, o signo “negro” como um conceito novo, criado pela branquitude e não como um conceito natural. Ou seja, os negros africanos, antes de serem colonizados e sequestrados, não se chamavam como “negros” ou reivindicavam para si a identidade “negra” como “naturalmente” deles. (Nascimento, 2019, p.11)

Sendo assim, podemos depreender que as reflexões acerca do significado do corpo negro no espaço embranquecido só são geradas a partir das tensões, da marca da diferenciação. É interessante sublinhar ainda que Gael constrói sua trajetória narrativa a

partir do desconforto, mas salienta que este sentimento não pertence apenas a ele, mas também é sentido pela branquidade, apesar de serem origens de desconforto distintas.

No excerto 2 destacamos o realinhamento apresentado por Gael ao reconfigurar o significado do que é ser negro – *“até o segundo momento, o início do segundo momento, eu não tinha clareza, não tinha...uma consciência do que significava ser negro, né? O que o corpo negro representa naquele lugar.”* (linhas 10 a 13). O ponto de virada (Mishler, 2002), apresentado pelo participante a partir do que ele denomina de o segundo momento de sua narrativa, começa a ser desenhado através da percepção de que naquela territorialidade, divergente da que lhe era familiar até então, ser negro apontava para outro ícone, outro símbolo.

É interessante ainda ressaltar a construção de Gael acerca de si mesmo como *“uma pessoa que fala bastante”* (linha 03), como uma característica que o aproximaria dos brancos “playboys”. Mas, apesar dessa virtude que os aproximaria, Gael parece demonstrar certa dificuldade em relação a essa aproximação e é justamente a partir desse contato com a branquidade que ele reconfigura o significado de ser negro, abrindo leques para possibilidades outras, diferentes da que ele havia experimentado até ali. De acordo com Santos (1982):

Saber-se negra é viver a experiência de ter sido massacrada em sua identidade, confundida em suas perspectivas, submetida a exigências, compelida a expectativas alienadas. Mas é também, e, sobretudo, a experiência de comprometer-se a resgatar a sua história e recriar-se em suas potencialidades. (Santos, 1982, págs. 17 e 18)

A experiência de Gael parece reafirmar o que é dito por Neusa Santos, já que a contestação sobre o que sua negritude o levou a outra compreensão de sua potência enquanto homem negro e deu papel num contexto embranquecido como o da Puc-Rio. Ao final desse excerto, Gael ressalta o tipo diferente de desconforto sofrido pela branquidade em relação à sua presença na instituição. Mais uma vez, o participante se utiliza da comparação entre a sua vivência e a dos demais estudantes brancos que pertenciam ao seu ambiente para salientar as emoções experimentadas por cada grupo.

Enquanto o seu desconforto acontecia em decorrência das tensões raciais estabelecidas naquele espaço, o desconforto da branquidade acontecia pela não-aceitação daquele corpo negro como compartilhado com o dele. Um desconforto é marcado pela

passividade – o da negritude – enquanto o outro é marcado pela agentividade, o corpo que produz o desconforto – o corpo branco.

Em seguida, apresento o excerto 3, que finaliza o primeiro momento da narrativa de Gael, marcado por sua chegada à PUC-Rio e pelo contraste estabelecido entre ele e os demais alunos a partir de sua raça e condição social.

Excerto 3 – “Aqueles caras playboys pra caceta, muito playboy, fala de forma playboy”

01	Gael	É...então é isso, esse primeiro momento foi um lugar de
02		desconforto, de tá ali tentando me....é isso, né? É desconforto e ao
03		mesmo tempo que você sabe que você tá tentando se adaptar, você
04		também tá tentando passar despercebido.
05	Natália	Sim
06	Gael	E é isso que eu falei do segundo momento, né? Você tá tentando
07		passar despercebido porque naquele momento eu não sabia que era
08		<u>impossível</u> pra mim passar despercebido.
09	Natália	Exato. Total!
10	Gael	Então..eu tentava ali, pá, não sei o q... engraçado que nos primeiros
11		dias eu ia de calça, né? Os primeiros dias, não...sei lá, os primeiros
12		períodos, assim...não sei...mas chega um momento assim, que
13		você já entende, pelo menos eu entendi, né? Que eu podia ir mais
14		tranquilo, mas aquele ambiente <u>não</u> era o meu. Enquanto pros
15		outros alunos <u>era</u> o deles. Po, a galera ia de chinelo, pah, e... e tem
16		um tipo de vestimenta também, né? Aquele tênis Redley... cê deve
17		ver isso lá na PUC, né?
18	Natália	Aham, aham
19	Gael	Aquela galera com a bermudinha, as bicicletas eletrônicas,
20		motorizadas...
21	Natália	Exato. Tudo isso marca muito, né?
22		Sem contar os carros, né? Os carrões... e é isso tudo que tá
23		envolvendo lá, né? E a galera muito <u>branca</u> , aquelas mulheres
24		<u>brancas</u> , da malhação, aqueles caras <u>playboys</u> pra caceta, muito
25		<u>playboy</u> , fala de forma <u>playboy</u> , assim, é...enfim...

Nessa performance narrativa, identificamos o fator racial como sendo o foco central da história de Gael. Ele sublinha o desconforto como emoção fundante deste que ele chama de primeiro momento de sua narrativa. Vale ressaltar a ideia de passar

despercebido (linhas 1 a 4), sugerida por ele como uma tentativa de se igualar ao contexto branco no que diz respeito ao privilégio de se manter como sendo apenas mais um, não ser notado, analisado, como um corpo negro o é. A escolha lexical “adaptar” (linha 03) - *você sabe que você tá tentando se adaptar, você também tá tentando passar despercebido* – parece ressaltar que a adaptação é diretamente proporcional à sensação de notoriedade e de destaque dado ao corpo negro.

A descrição de Gael sobre sua trajetória na PUC-Rio reforça marcas e características importantes sobre o racismo brasileiro. A questão da visibilidade dos corpos negros, apresentada por ele, nos mostra que esses corpos são notados, inquietantemente notados, mas talvez não sejam enxergados. O que Gael parece salientar através da ênfase no adjetivo “impossível” (linha 08), ao dizer que seria impossível que ele enquanto homem negro, passasse despercebido, é que algo parecia estar fora do lugar. Como se ele e os demais negros e negras que compunham aquela territorialidade não fizessem parte de seu enquadre, de seu arranjo original. E talvez esse seja um dos grandes desafios do enfrentamento ao racismo no Brasil: a possibilidade de mobilidade social, que pode gerar a falsa ideia de que as oportunidades são lineares e igualitárias, atrelada a uma recusa da branquidade em aceitar negros e negras em espaços de poder. A engrenagem que mantém o racismo estrutural (Almeida, 2018) parece nos lembrar frequentemente que essa não é a ordem natural das coisas, portanto quando um homem negro como Gael chega a ocupar espaços como o da PUC-Rio, o estranhamento se dá e é sentido pelo participante já que este não está no lugar que era esperado para um corpo como o dele. Como elucidam Melo e Schucman (2022):

Essa lógica de supremacia branca à brasileira distingue-se de países como Estados Unidos e África do Sul exatamente pelo fato de que não precisa ser anunciada por leis discriminatórias e discursos explícitos de superioridade branca. Além disso, essa supremacia foi sistematicamente negada pela alegação de que o preconceito no país era algo ligado à classe; no entanto, contrapondo-se a essa lógica, os estudos que isolaram estatisticamente os fatores ligados à classe (HASENBALG, 1979) mostraram que há desigualdades sociais que permanecem e, portanto, só podem ser explicadas quando se introduz o par branco e não branco. (SCHUCMAN, p.21)

Apesar de fazer referências às marcas de classe, de formação social em sua narrativa, Gael verifica que o fator racial é um componente que extrapola as questões

referentes à classe, já que sua pele negra “não passa despercebido”, ou seja, sua pele é evidenciada antes mesmo de saberem sobre sua condição socioeconômica. Em seguida, ao tecer comentários sobre seu desconforto, Gael enfatiza uma outra forma de estar fora do lugar, desconfortável: por meio das vestimentas. O ex-aluno apresenta todo cenário composto pela branquidade por ele anunciada desde o início da narrativa. Uma branquidade marcada por classe também, com um tênis específico, com as bicicletas eletrônicas, os carrões, marcas da Orientação laboviana construídas por ele, que enfatizam o tipo de pessoas que circunscrevem aquele local.

Ao fim do excerto 3, Gael demonstra sua ausência de identificação com os demais estudantes da referida instituição pelo abismo social que os separa. Em sua fala, por meio do índice avaliativo “branca” e “playboy”, Gael nos oferece pistas indexicais que demonstram um distanciamento de sua vivência para a realidade do ambiente a que agora ele pertencia. É interessante frisarmos a significativa inversão analítica proposta por Gael acerca do que, em sua narrativa, recebe destaque e valor e do que ele parece questionar, negar. Ao destacar “aquelas mulheres brancas, da malhação”, bem como os “playboys”, Gael parece atribuir traços negativos à branquidade que, em sua construção só é marcado pelos bens materiais que a diferem da realidade vivenciada por ele. Nesse sentido, o marcador performativo racial da branquidade não é esvaziado, inexistente como de costume, mas é sublinhado como categoria de análise para a construção de um ambiente que não o comporta. Não o comporta por carregar traços extremamente embranquecidos, destoantes da realidade da maioria brasileira.

5. Considerações Finais

O presente artigo procurou abordar, brevemente, o início da pesquisa que tem sido desenvolvida por mim sobre raça e linguagem no contexto acadêmico. O objetivo foi gerar inteligibilidades acerca das relações étnico-raciais, com o intuito de compreender de que maneira essas relações aparecem e se constroem a partir da linguagem. Por meio dos conceitos aqui abordados e constantemente trabalhados em sala nas aulas do doutorado, estou emprenhada em desenvolver uma sólida reflexão a respeito das trajetórias negra no contexto acadêmico.

Acredito que as tensões estabelecidas e construídas por intermédio da linguagem são fundamentais para a produção de identidades negras plurais, interseccionais e

complexas. Entendo que a Linguística Aplicada seja esse campo fértil que possibilita a fomentação de novas narrativas e possibilidades para pensar a área dos Estudos da Linguagem. Como ressalta Moita Lopes (2006):

Essa visão parece crucial em áreas como a LA, que têm como objetivo fundamental a problematização da vida social, na intenção de compreender as práticas sociais nas quais a linguagem tem papel crucial. Só podemos contribuir se considerarmos as visões de significado, inclusive aqueles relativos à pesquisa, como lugares de poder e conflito, que refletem os preconceitos, valores, projetos políticos e interesses daqueles que se comprometem com a construção do significado e do conhecimento. (Moita Lopes, 2006, p. 102)

Espero, dessa forma, contribuir para o alargamento dos estudos sobre Raça e Linguagem, apontando para a riqueza da perspectiva interdisciplinar, que tanto agrega a ambos os campos. Para além disso, entendo que a relevância do presente trabalho se dê em decorrência das reflexões causadas a partir do entendimento do lugar social da universidade na vida de jovens negros e da construção que fazem de si e dos outros nesse território. Desejo, ainda, que o ajuste de lentes para as contranarrativas, as narrativas periféricas, marginais e de reexistência nos faça, enquanto pesquisadores e pesquisadoras, repensar a universidade que queremos e nos comprometa com práticas sociais cada vez mais horizontalizadas e diversas.

6. Referências

- ALMEIDA, S. L. **O que é racismo estrutural?** Belo Horizonte: Letramento, 2018.
- BASTOS, Liliana C. & Liana de A. BIAR. Análise de narrativa e práticas de entendimento da vida social. **Delta** n.31 Especial 2015. p. 97-126.
- BONFIM, M. A. L. Linguagem e identidade: o lugar do corpo nas Práticas identitárias raciais. **Linguagem em foco—Revista do Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada da UECE**. V. 8, Volume Temático: Linguagem e Raça: diálogos possíveis, N. 2, 2016.
- CLIFFORD, James; MARCUS, George Emanuel (org.). **A escrita da cultura: poética e política da etnografia**. Rio de Janeiro: EDUERJ; Papéis Selvagens, 2016.
- FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas**. Bahia: Editora Edufba, 2008.
- GOMES, N. L. (2005). Alguns termos e conceitos presentes no debate sobre relações raciais no Brasil: uma breve discussão. In **Educação antirracista: Caminhos Abertos**

pela lei 10.639. – Brasília: Ministério da Educação. Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade.

HALL, S. (2015) Raça, o significante flutuante. Rio de Janeiro. **Revista Z Cultural**, ano 8, n. 2.

LABOV, William. **Language in the inner city**: studies in the Black English Vernacular. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1972.

Ferreira, Aparecida de Jesus. Letramento Racial Crítico. In: Doris Cristina Vicente da Silva Matos e Cristiane Maria Campelo Lopes Landulfo de Sousa (Org.). *Suleando conceitos e linguagens: decolonialidades e epistemologias outras*. Campinas, SP : Pontes Editores, 2022, p, 207-214. (nota de rodapé – número 1)

MELO, G.C.V.; MOITA LOPES, L.P. As performances discursivo-identitárias de mulheres negras em uma comunidade para negros na Orkut. **DELTA**, São Paulo, v. 29, p. 237-265, 2013.

_____. & Jesus, D. M. de. (orgs) *Linguística Aplicada, raça e interseccionalidade na contemporaneidade*. Rio de Janeiro: Mórula, 2022.

_____. & Schucman, L. V. Mérito e mito da democracia racial: **Revista Espaço Acadêmico**, 21, 14-23, 2022.

MISHLER, Elliot George. Narrativa e Identidade: a mão dupla do tempo. In: MOITA LOPES, L.P. e BASTOS, L.C. (orgs.) **Identities**: recortes multi e interdisciplinares. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2002.

MOITA LOPES, L.P. (Org.). **Por uma Linguística Aplicada Indisciplinar**. São Paulo: Parábola, 2006.

MUNANGA, Kabengele. **Negritude: usos e sentidos**. [S.l: s.n.], 2009.

SCHUCMAN, L. V. **Entre o “branco”, o “encardido” e o “branquíssimo”: raça, hierarquia e poder na construção da branquitude paulistana**. 2012. 160 f. 2012. Tese de Doutorado. Tese (Doutorado em Psicologia Social)-Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social. Universidade de São Paulo, São Paulo.

SOARES, J. G. Narrativas de (re)descobrimento: um olhar para a construção identitária racial de universitários negros de pele clara na PUC-Rio. **Dissertação de Mestrado – Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem** – PUC-Rio, 2024.

SOUZA, N.S. **Tornar-se negro ou as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social**. Rio de Janeiro: Graal, 1982.

_____. **Letramentos de reexistência**: poesia, grafite, música, dança. – São Paulo: Parábola Editorial, 2011.